

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO

**O NARRADOR EM *THE CURIOUS INCIDENT
OF THE DOG IN THE NIGHT-TIME***

Autora: Manuela Hobi Volaco

Orientadora: Prof. Liana de Camargo Leão

**CURITIBA
NOVEMBRO - 2006**

MANUELA HOBI VOLACO

**O NARRADOR EM *THE CURIOUS INCIDENT
OF THE DOG IN THE NIGHT-TIME***

Monografia apresentada para a conclusão do
Curso de Letras, Setor de Ciências Humanas,
Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof. Liana de Camargo Leão

**CURITIBA
2006**

The autistic mind possesses a sort of intelligence scarcely touched by tradition and culture – unconventional, unorthodox, strangely pure and original, akin to the intelligence of true creativity.

Hans Asperger

SUMÁRIO

1	Introdução.....	7
	A trajetória do autor.....	7
	<i>The Curious Incident of the Dog in the Night-time</i> : Uma história curiosa.....	8
	Cruzando fronteiras: Um livro apenas para crianças?.....	9
2	O narrador.....	15
	Entre o eu-como testemunha e o narrador protagonista.....	16
	Um narrador curioso.....	20
	Siobhan como recurso narrativo.....	22
3	O humor em <i>The Curious Incident of the Dog in the Night-time</i>.....	29
4	Considerações finais	36
	Referências bibliográficas	38
	Anexos	39

RESUMO

Monografia de graduação apresentada ao Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, no ano de 2006, com o propósito de discutir a figura do narrador no romance *The Curious Incident of the Dog in the Night-time*, de autoria de Mark Haddon. Discorre sobre as limitações impostas a esse narrador por ele ser portador de uma síndrome de comportamento autista, e as consequências dessas limitações na narração e no modo como a trama é apresentada ao leitor, com ênfase também nos recursos narrativos criados para dar suporte a esse narrador, e no senso de humor gerado por esse ponto de vista incomum e especial.

Palavras-chave: Monografia; Ficção; Narrador, Ponto de Vista, Autismo.

ABSTRACT

This graduation monograph's objective was to discuss the figure of the narrator in the novel *The Curious Incident of the Dog in the Night-time*, by Mark Haddon. We discuss the limitations imposed to this narrator by his having an autistic mind, and how these limitations affect the narrative and the way the plot is presented to the reader. We also emphasize the narrative resources created to support this narrator, and the presence of sense of humor brought about by the narrator having such an unusual and special point of view.

Key-words: Monograph; Fiction; Narrator, Point of View; Autism.

1. Introdução

1.1. A trajetória do autor

Mark Haddon nasceu em Northampton, Inglaterra, em 1962. Formado em Literatura Inglesa, Haddon teve uma grande variedade de empregos, antes e depois de começar a escrever, entre eles ilustrador e desenhista para uma considerável quantidade de periódicos, como *New Statesman*, *The Spectator*, *Private Eye*, *The Sunday Telegraph* e *The Guardian*, onde ele mantinha uma tira em quadrinhos de sua co-autoria. Haddon começou a trabalhar em televisão no ano de 1996, quando criou e escreveu vários episódios para o programa *Microsoap*, uma série de televisão do tipo comédia-de-situação para o público infantil, pelos quais chegou a receber dois prêmios da Academia Britânica de Artes do Cinema BAFTA – British Academy of Film and Television Arts) e da Televisão, o “Oscar Britânico”, e um prêmio da Sociedade Real de Televisão (Royal Television Society). Também escreveu peças de teatro para o rádio, pelas quais também foi várias vezes premiado. Além disso, trabalhou como voluntário em instituições de apoio a pacientes com deficiências tanto físicas quanto mentais.

Em 1987 Haddon lança seu primeiro livro, “*Gilbert Gobstopper*”, uma obra dedicada ao público infantil. Esse lançamento inaugura uma série de outros livros infantis lançados pelo autor, muitos dos quais ele mesmo ilustra, aproveitando assim seu talento e formação nessa outra forma de arte, paralela à literatura. Haddon também lança livros de desenhos ou pinturas, como *The Sea of Tranquility* (1996). Interessado em produzir outros gêneros de literatura, Haddon lança seu primeiro livro de poesia, *The Talking Horse and the Sad Girl and the Village Under the Sea*, em 2005. Presentemente, Haddon leciona Escrita Criativa na Fundação Arvon e na Universidade de Oxford.

The Curious Incident of the Dog in the Night-time, tema desse projeto de monografia, foi lançado em 2003, e desde então tem recebido muita atenção da mídia e da crítica, além de ser constantemente incorporado ao currículo de leitura para adolescentes em cursos escolares. A obra teve seus direitos de filmagem comprados pela Warner Brothers para adaptação para o cinema, em co-produção com a HeyDay Films e a Plan B Productions, tendo Steve Kloves, roteirista da série de filmes de Harry Potter, sido escalado para adaptar e dirigir o filme, que tem seu lançamento previsto para o ano de 2007.

1.2. *The Curious Incident of the Dog in the Night-time*: Uma história curiosa.

The Curious Incident of the Dog in the Night-time conta a história de um menino, Christopher, que escreve um livro para contar algo interessante que aconteceu com ele: encontrar o cachorro da vizinha morto, assassinado com um rastelo. Christopher então decide resolver o mistério e encontrar o assassino, e sai em busca de respostas. No entanto, as perguntas cujas respostas ele finalmente encontra são de uma natureza infinitamente mais profunda e complexa – questões sobre sua família, sua história, sua identidade.

Ao tentar solucionar o crime, o menino encontra verdades as quais são ao mesmo tempo novas e desconcertantes. Ele descobre, por exemplo, que sua mãe, a qual ele pensava estar morta, está na verdade viva e em um segundo casamento. Ele também descobre que seu pai fora o culpado por esconder isso dele. Mas essas são apenas algumas das suas mais negativas descobertas – ele também descobre em si mesmo forças e capacidades que ele nunca havia imaginado: ele viaja sozinho, encontra sua mãe, escreve um livro. E como se isso não bastasse, ele passa por cima de uma limitação real, uma limitação mental: Christopher é um garoto autista, portador da Síndrome de Asperger.

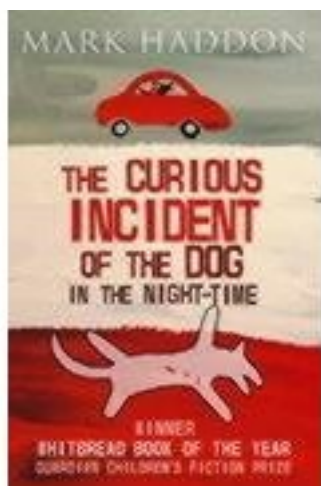
1.3. Cruzando fronteiras: Um livro apenas para crianças?

Esse capítulo se dedica a discutir a localização de *The Curious Incident of the Dog in the Night-time* como obra destinada a um público adulto ou infantil, levando em consideração trechos de entrevista do autor, citações diretas da obra e conceitos sobre o leitor-modelo de Umberto Eco. Defenderemos aqui que o romance funciona melhor para leitores adultos, os quais são mais equipados para uma leitura mais eficiente da obra.

Após passar muito tempo escrevendo para crianças, seja em forma de livros, peças de teatro para o rádio ou séries televisivas, Haddon concordou em publicar seu *The Curious Incident of the Dog in the Night-time* em duas edições, com exatamente o mesmo conteúdo, mas com capas diferentes: uma para adultos



e uma para crianças



Várias outras obras de diferentes autores já haviam sido lançadas com duas capas diferentes, em edições adultas e infantis (como a série Harry Potter, por exemplo); mas foi com *The Curious Incident of the Dog in the Night-time* que isso se deu simultaneamente, desde a primeira edição da obra. Em entrevista para a página de internet da livraria americana Powells', quando indagado se *The Curious Incident of the Dog in the Night-time* é um livro para o público adulto ou infantil, Haddon diz:

“Era para adultos, definitivamente, mas talvez eu deveria dizer mais especificamente: era para mim. Eu escrevo para crianças há tanto tempo, e se você está escrevendo para crianças, você está escrevendo para o tipo de criança que você mesmo foi naquela idade. Você projeta sua mente para o passado e pensa *O que eu teria gostado quando eu tinha sete anos, ou cinco, ou dez?* Eu senti uma grande liberdade com esse livro porque eu senti que estava escrevendo para mim mesmo.

Eu acho que todos os autores fazem isso, os autores adultos: ser tanto o leitor quando o autor, ao mesmo tempo. Conseqüentemente, eu fiquei bastante surpreso quando dei o livro para minha agente ler e ela disse ‘Vamos tentar tanto com editoras adultas quando infantis, e ver o que acontece’. E fiquei bastante surpreso e, verdade seja dita, talvez um pouquinho decepcionado, porque tinha me esforçado tanto para me afastar da literatura infantil. Então pensei, *talvez eu esteja prestes a voltar para o gueto*”.

Haddon não tinha motivos para se preocupar. Seu livro funciona perfeitamente bem tanto para o leitor infanto-juvenil quanto com o leitor adulto, sendo que ambos se sentem preparados para interpretar e se envolver com Christopher e sua saga, de maneiras diversas.

O leitor infanto-juvenil, por conta de seu conhecimento de mundo, tende a se deixar envolver e se identificar com a personagem de Christopher, procurando com ele descobrir quem matou

Wellington, onde está sua mãe e se o menino vai, enfim, conseguir fazer seu exame de A level maths. Ao chegar ao fim do livro, dá-se por satisfeito por ter descoberto a solução para todas essas questões.

Já o leitor adulto tem muito mais potencial para se envolver com a história de maneiras mais diversas do que a criança ou o adolescente, pois seu conhecimento de mundo lhe permite perceber mais, se perguntar mais, e se questionar mais. Desse modo, cabe ao leitor adulto preencher mais lacunas deixadas pelo narrador (discutidas no capítulo 2, sobre o narrador) de acordo com seu conhecimento do mundo. A natureza de muitas dessas lacunas é um dos aspectos que dá ao leitor adulto a vantagem na leitura dessa obra, pois ele é capaz de entender muito da ação presente na obra, mesmo que o próprio narrador não entenda, muito melhor do que uma criança poderia.

O fato de o casamento dos pais de Christopher ser abalado pelo fardo de eles terem que cuidar de um filho com necessidades tão especiais como ele são/ é assunto bastante adulto; só um adulto conseguiria se colocar na situação da mãe, que se sente frustrada e incapaz da tarefa e acaba por abandonar o filho, como se vê em uma das cartas que ela manda para Christopher, no capítulo 157, após descrever uma briga a respeito da comida que ela tentou dar para Christopher, em que ele atirou nela uma tábua de cozinha, que acabou por atingir seu pé:

“E eu não consegui andar direito por um mês, lembra, e seu pai teve que cuidar de você. E eu me lembro de olhar para vocês dois e ver vocês juntos e pensar em como você era diferente com ele. Muito mais calmo. E vocês não gritavam um com o outro. E me deixou tão triste porque era como se você não precisasse nem um pouco de mim. E de alguma maneira isso era ainda pior do que eu e você brigando o tempo todo porque era como se eu fosse invisível.

E eu acho que foi aí que eu percebi que você e seu pai estariam melhor se eu não estivesse vivendo na casa. Então ele só ia ter uma pessoa para cuidar ao invés de duas”. (HADDON, p. 108 – 109)¹

E apenas um adulto conseguiria se colocar no lugar do pai, sobrecarregado e impedido de viver certos aspectos da sua própria vida, como o relacionamento com Sra. Shears, a vizinha da frente, como ele explica para o menino, no capítulo 167, da confissão que ele teria matado Wellington, o cachorro do título:

“Nós... nós nos dávamos muito bem. Eu achei que nós fôssemos amigos. E acho que pensei errado. Acho... no fim... é tudo... Que merda... Nós brigamos, Christopher, e... Ela disse

¹ Todas as citações de *The Curious Incident of the Dog in the Night-time* utilizadas neste trabalho de monografia serão da edição em inglês, em tradução minha.

algumas coisas que eu não vou dizer para você porque elas não são legais, mas elas machucam, mas... Eu acho que ela se importava mais com aquela porcaria de cachorro do que comigo, conosco. E talvez isso não seja tão estúpido, pensando bem. Talvez nós sejamos mesmo difíceis. E talvez seja mais fácil viver sozinha cuidando de um vira-lata do que dividir sua vida com outras pessoas de verdade. Quer dizer, merda, nós não somos exatamente fáceis de se lidar, não é? (...) Eu sinto muito, Christopher. Eu juro, eu nunca quis que as coisas acabassem assim.” (HADDON, p. 121)

Ou no capítulo 227, quando ele vai a Londres tentar conversar com Christopher, e tem uma discussão com a mãe, confrontado por ela quanto a ter dito para o garoto que ela havia morrido:

“E a Mãe gritou, ‘O que raios você pensou que estava fazendo, dizendo aquelas coisas para ele?’

E o Pai gritou, ‘O que eu estava fazendo? Foi você que foi embora!’

E a Mãe gritou, ‘E aí você resolveu me apagar da vida dele completamente?’ (...)

E o Pai gritou, ‘Bom, não era isso que você queria?’

E a Mãe gritou, ‘Eu escrevi para ele toda semana. Toda semana.’

E o Pai gritou, ‘Escreveu pra ele? Para que raios serve escrever pra ele? Eu cozinhei pra ele. Eu cuidei dele todo fim de semana. Eu cuidei dele quando ele ficou doente. Eu levei ele ao medico. Eu morri de preocupação toda vez que ele saiu andando para algum lugar à noite. Eu fui até a escola toda vez que ele entrou numa briga. E você? Você escreveu umas cartas para ele!’” (HADDON, 196 – 197)

A figura do pai está especialmente sujeita a leituras diferentes por adultos e por crianças, no sentido de que as crianças tendem a ver nele uma figura autoritária e assustadora – afinal, ele assassinou o cachorro da própria namorada, agiu de forma violenta contra Christopher, escondeu as cartas da mãe e a verdade sobre ela, tentou forçar uma comunicação com o garoto quando este estava apavorado e evitando ao máximo essa aproximação, bebe cerveja e fica descontrolado de vez em quando. É uma figura realmente assustadora aos olhos de uma criança.

No entanto, do ponto de vista de um leitor adulto, percebe-se que ele é apenas alguém despreparado para lidar com a situação de ter um filho especial, que exige tanto dele e com o qual ele não consegue estabelecer uma comunicação eficiente. Essa comunicação fica especialmente mais delicada depois de ele ter sido abandonado pela esposa e ter sido deixado sozinho com o menino, que nem ao menos pode

viver seu amor por ele de forma plena (citação do capítulo 31, quando o pai de Christopher vai buscá-lo na delegacia):

“O Pai estava esperando no corredor. Ele levantou sua mão direita como se fosse um leque. Eu levantei minha mão esquerda como se fosse um leque e nós tocamos nossos dedos. Nós fazemos isso porque às vezes o Pai quer me dar um abraço, mas eu não gosto de abraçar as pessoas então nós fazemos isso, e significa que ele me ama.” (HADDON, p. 16)

Outro exemplo dessa dificuldade comunicativa se encontra no capítulo 137, quando o pai leva o garoto ao zoológico, para se desculpar de ter batido nele, após ter descoberto o livro, e eles têm a seguinte conversa:

“E o Pai disse, ‘Eu te amo muito, Christopher. Nunca se esqueça disso. E eu sei que perco o controle às vezes. Eu sei que fico bravo. Eu sei que grito. E eu sei que não devia. Mas eu só faço essas coisas porque eu me preocupo com você, porque eu não quero que você se meta em encrenca, porque eu não quero que você se machuque. Você entende?’

Eu não sabia se eu entendia. Então eu disse ‘Não sei.’

E o Pai disse, ‘Christopher, você entende que eu te amo?’

E eu disse ‘Sim.’, porque amar alguém é ajudar a pessoa quando eles se metem em encrenca, e cuidar da pessoa, e dizer a verdade, e o Pai cuida de mim quando eu me meto em encrenca, como ir à delegacia, e ele cuida de mim, cozinhando pra mim, e ele sempre me diz a verdade, o que significa que ele me ama.” (HADDON, p. 86 – 87)

Para um leitor infanto-juvenil, a tendência é se identificar com o narrador (assim como o protagonista das histórias, mesmo que elas sejam narradas na primeira pessoa). A narração em primeira pessoa reforça essa tendência. Assim, esse leitor, vendo as experiências de Christopher pelos olhos dele, tende a considerar que o pai de Christopher traiu o amor do menino, pois é assim que essa informação é apresentada no texto. Já o leitor adulto, mais preparado para transpor os limites da narração para um ambiente maior da história a ser contada, vê um homem assustado, que viu seu castelo de mentiras ruir e percebeu que, apesar de estar fazendo todos os esforços possíveis a ele, falhou na tarefa de cuidar e educar seu filho, e está desesperado para retomar – e reformar – seu relacionamento com ele. Para os adultos, o pai de Christopher é uma figura muito mais merecedora de uma pena solidária e empatia do que de antipatia e medo. Essa empatia com os pais de Christopher não significa que os adultos tendam a “ficar do lado” deles, impedindo que eles se identifiquem ou se

solidarizem com o menino – apenas significa que esses leitores são mais capazes e preparados para fruir de alguns dos vários níveis de leitura do livro.

Assim como em toda boa literatura, há em *The Curious Incident of the Dog in the Night-time* vários níveis de recepção e interpretação do texto, várias camadas de ironia e paradoxo que ampliam e enriquecem a experiência da leitura da obra.²

² Assim, doravante no presente trabalho de monografia, quando usarmos o termo “leitor”, entenda-se o leitor adulto.

2. O narrador

Nesse capítulo, discutiremos o narrador em *The Curious Incident of the Dog in the Night-time*. Nossa hipótese é a de que esse narrador ocupe uma categoria intermediária na tipologia proposta por Norman Friedman; não exatamente o narrador protagonista tampouco o “eu” como testemunha. Christopher, como narrador, estaria, por assim dizer, ocupando uma posição entre essas duas categorias, por caber parcialmente em ambas as definições, e ao mesmo tempo, conter características que contradizem ambas. A seguir, exporemos a tipologia de Friedman para localizar o narrador de Mark Haddon; depois discutiremos os efeitos que esta escolha traz para a obra que implicam na utilização inclusive de outros recursos narrativos como a criação da personagem Siobhan.

2.1. Entre o eu-como-testemunha e o narrador-protagonista.

The Curious Incident of the Dog in the Night-time traz uma questão interessante quanto ao seu narrador: não apenas um garoto autista é o protagonista da obra, ele também é o seu narrador em primeira pessoa. Essa posição que ele ocupa traz um problema teórico bastante interessante: na tipologia do narrador de Norman Friedman, por exemplo, é consideravelmente difícil localizá-lo perfeita e exatamente em apenas uma das categorias. Ele está em algum lugar entre duas das classificações propostas por Friedman – **“eu” como testemunha e narrador-protagonista.**

Seria uma simplificação exagerada considerar esse garoto um típico narrador-protagonista. Nas palavras de Ligia Chiappini Moraes Leite, esse narrador

“não tem acesso ao estado mental das demais personagens. Narra de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos.” (LEITE, p. 43)

O não-acesso do narrador à mente das outras pessoas descreve em parte, Christopher como narrador. De fato, ele tem acesso negado à mente de outras pessoas não apenas porque se constitui como o narrador em primeira pessoa desse relato, mas sobretudo por sua condição de portador de uma síndrome de comportamento autista. Logo no segundo capítulo, por exemplo, ele relata:

“Há oito anos, quando eu conheci Siobhan, ela me mostrou essa figura



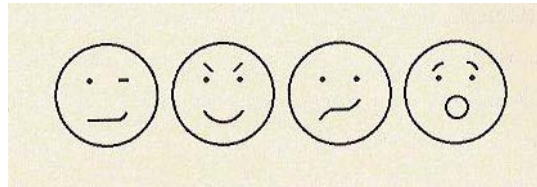
e eu sabia que ela significava “triste”, que é como eu me senti quando encontrei o cachorro morto.

Aí ela me mostrou essa figura



E eu sabia que significava “feliz”, como quando eu leio sobre as missões espaciais Apollo, ou quando eu ainda estou acordado às 3 ou 4 da manhã, e posso andar pela rua e fingir que eu sou a única pessoa no mundo todo.

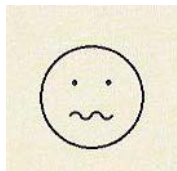
Aí ela me desenhou algumas outras figuras



Mas eu não consegui dizer o que elas significavam.

Eu pedi pra Siobhan desenhar um monte dessas carinhas e escrever do lado delas exatamente o que elas significavam. Eu ficava com o pedaço de papel no meu bolso e tirava quando eu não entendia o que alguém estava dizendo. Mas era muito difícil decidir qual dos diagramas era mais parecido com a cara que elas estavam fazendo porque o rosto das pessoas se movimenta muito rápido.

Quando eu contei pra Siobhan que eu estava fazendo isso, ela pegou um lápis e outro pedaço de papel e disse que isso provavelmente fazia as pessoas se sentirem muito



e riu. Então eu rasguei aquele primeiro pedaço de papel e joguei ele fora. E Siobhan pediu desculpas. E agora se eu não sei o que alguém está dizendo, eu pergunto o que eles querem dizer ou vou embora.”

A segunda parte da citação de Ligia Leite, que diz que o autor em primeira pessoa tem acesso às suas percepções, torna-se problemática quando aplicada a Christopher na medida em que apesar de ele narrar de um centro fixo, sua condição mental o incapacita de expressar seus próprios sentimentos, porque ele não os reconhece como tal.

Um exemplo da dificuldade de Christopher de expressar seus próprios sentimentos é a seguinte passagem, retirada do capítulo 73, em que Christopher descreve alguns de seus problemas comportamentais, e as conseqüências deles no relacionamento de seus pais:

“Eu costumava pensar que a Mãe e o Pai poderiam se divorciar. Isso porque eles tinham muitas brigas, e às vezes odiavam um ao outro. Isso por causa do estresse de cuidar de alguém que tem Problemas Comportamentais como eu. Eu costumava ter muitos Problemas Comportamentais, mas agora não tenho tantos porque sou mais crescido e posso tomar minhas próprias decisões e fazer coisas sozinho, como sair da casa e comprar coisas na loja do fim da rua.

Esses são alguns dos meus problemas comportamentais:

- A. Não falar com as pessoas por um longo período de tempo.
- B. Não comer ou beber nada por um longo período de tempo.
- C. Não gostar de ser tocado.
- D. Gritar quando estou bravo ou confuso.
- E. Não gostar de estar em espaços pequenos com outras pessoas.
- F. Quebrar coisas quando estou bravo ou confuso.
- G. Grunhir.
- H. Não gostar de coisas amarelas ou marrons, e me recusar a tocar em coisas amarelas ou marrons.
- I. Me recusar a usar minha escova de dentes se outra pessoa tocou nela.
- J. Não comer comida se diferentes tipos de comida estão em contato uns com os outros.
- K. Não perceber que as pessoas estão bravas comigo.
- L. Não sorrir.
- M. Dizer coisas que as outras pessoas consideram rudes.

Às vezes essas coisas deixavam a Mãe e o Pai muito bravos e eles gritavam comigo ou um com o outro. Às vezes o Pai dizia “Christopher, se você não se comportar eu juro que vou te encher de porrada”, ou a Mãe dizia “Meu Deus, Christopher, eu estou pensando seriamente em colocar você em uma instituição” ou a Mãe dizia “Você vai acabar me fazendo morrer mais cedo” (HADDON, p. 45 – 46)

E então Christopher passa para o próximo capítulo, em que conta do jantar daquele dia. Em nenhum momento ele comenta sobre sentimentos de raiva, frustração, tristeza, culpa – que qualquer

outro adolescente, não autista, estaria provavelmente experimentando caso se encontrasse em situação semelhante; ele simplesmente faz um relato factual da situação.

A outra categoria de narrador na qual é possível encaixar Christopher é o narrador “eu” como testemunha. Mais uma vez, nas palavras de Ligia Chiappini Moraes Leite, esse narrador

”narra em primeira pessoa, mas é um “eu” já interno à narrativa, que vive os acontecimentos, e, portanto, dá-los ao leitor de modo mais direto, mais verossímil (...) apela-se para o testemunho de alguém quando se está em busca da verdade ou querendo fazer algo parecer como tal. No caso do “eu” como testemunha, o ângulo de visão é necessariamente mais limitado. Como personagem secundária, ele narra da periferia dos acontecimentos, não consegue saber o que se passa na cabeça dos outros, apenas pode inferir, lançar hipóteses, servindo-se de informações, de coisas que viu e ouviu...” (LEITE, p. 37 – 38)

Essa também seria uma descrição adequada de Christopher, se não fosse pelo fato de que é uma descrição de um personagem secundário na narrativa, não do protagonista. De acordo com essa descrição, o narrador deve, necessariamente, estar apenas assistindo e relatando acontecimentos, e não tomando parte principal neles. É aí que o narrador de *The Curious Incident of the Dog in the Night-time* entra em conflito com a definição: muito embora ele tenha essas limitações, isso não se deve a ele não estar participando da ação principal, e sim a ele ser incapaz de elaborar seu relato levando em conta sentimentos e emoções – ele somente descreve os fatos, sem se concentrar em seus próprios sentimentos, mesmo sendo o protagonista, o centro da ação. E o motivo pelo qual isso acontece é, mais uma vez, sua condição mental. Ele está em busca da verdade (afinal, ele se encarrega de resolver um crime), e tem um ângulo de visão mais limitado. Mas é o protagonista, ocupando o centro da história, e não a periferia.

Assim, o narrador de *The Curious Incident of the Dog in the Night-time* pode ser entendido como uma mistura de dois tipos de narrador. Ele narra em primeira pessoa e é o centro da ação, como o narrador-protagonista, mas mantém as limitações do narrador “eu” como testemunha, contando a história de um ponto de vista minimamente externo e exterior à ação relatada. E é exatamente aí que reside a força e o valor da escolha desse tipo de narrador.

2.2. Um narrador curioso

The Curious Incident of the Dog in the Night-time é uma obra de ficção, narrada em primeira pessoa por um adolescente autista. A escolha de Mark Haddon por esse tipo de narrador influencia toda a construção (assim como a recepção) da obra. Como o próprio autor diz,

“Eis um livro de ficção sobre um personagem que diz que pode somente falar a verdade; ele não mente, mas entende tudo errado. Eis um narrador que parece imensamente mal equipado para escrever um livro – ele não entende metáforas, ele não entende os sentimentos das outras pessoas (...) e ainda assim, ele se revela incrivelmente capaz de narrar um livro. Ele nunca explica demais. Ele nunca tenta convencer o leitor de como se sentir sobre as coisas; ele simplesmente pinta o quadro e diz, ‘agora faça disso o que quiser’. Esse é um tipo de escrita que muitos escritores estão buscando, o tempo todo”.

Esse “tipo de escrita que muitos escritores estão buscando, o tempo todo” corresponde à definição da “obra aberta” de Umberto Eco. Em *A Obra Aberta*, Eco discute o conceito de abertura como presente em uma obra cujo autor-modelo não leva seu leitor-modelo pela mão, revelando todos os aspectos possíveis e até manipulando o leitor para produzir determinado efeito; mas sim, apresenta certos aspectos relevantes e deixa todo o resto a cargo do leitor, que precisa (e quer) preencher os buracos com seu próprio conhecimento de mundo. É como se o livro nos desse as instruções e as regras do jogo, e nós concordássemos e fizéssemos um esforço para jogar direito. Esse acordo é tácito – nunca se diz ao leitor, no livro: “Eu vou te dar uma perspectiva limitada aqui. Você vai preencher as lacunas e resolver o quebra-cabeça.” Um bom leitor reconhecerá as regras do jogo na medida em que prossegue a leitura: no capítulo 3, por exemplo, quando o garoto nos mostra as figuras das expressões faciais, o autor-modelo está nos dando uma dica: “Preste atenção às descrições de expressões faciais (assim como a falta delas), as quais serão essenciais para o resto do livro.” No próximo capítulo, quando Christopher fala sobre por que ele gosta de cachorros (“porque eles são leais e honestos, e alguns cachorros são mais inteligentes e interessantes do que algumas pessoas”), o leitor-modelo sabe que deve preencher a lacuna que dá conta da dificuldade do menino em entender e lidar com seres humanos e suas emoções.

As limitações de Christopher deixam muitas lacunas a serem preenchidas pelo leitor. Ele é limitado no sentido de que, muito embora ele nos conte todas as suas impressões e tudo o que ele vê, nós conseguimos ver muito mais no que ele conta do que ele próprio. Mesmo que seja ele a contar a

história, nós, de um certo modo, sabemos mais sobre ela do que ele próprio, exatamente porque conseguimos reconhecer mais coisas nas falas e ações dos outros personagens do que ele. Usando um termo de Umberto Eco, nossa Enciclopédia é mais completa e abrangente do que a dele, se não mais elaborada e complexa, pelo menos nos níveis em que nós, leitores, tendemos a ler o livro. Ocupamo-nos com os significados, motivos e conseqüências emocionais – visto que a obra é, de certa forma, uma saga familiar – que Christopher ignora. Assim, somos capazes de reconhecer nuances as quais Christopher desconhece e ignora completamente. Por exemplo, no capítulo 29, quando ele nos diz que acha difícil entender as pessoas, ele menciona a ação de fechar a boca e soltar o ar com força pelo nariz, e os vários significados que essa ação pode tomar, entre eles relaxamento, tédio e raiva. Em outros momentos do livro, Christopher recupera essa imagem, como no capítulo 31, que fala de quando ele foi levado à delegacia por causa do incidente com o cachorro morto, quando ele bateu em um policial, após receber uma advertência:

“Ele respondeu, ‘Uma advertência significa que nós vamos manter um registro do que você fez, que você bateu em um policial, mas que foi um acidente e que você não teve a intenção de machucar o policial’

Eu disse, ‘Mas não foi um acidente’

E o Pai disse, ‘Christopher, por favor’

O policial fechou a boca e soltou o ar pelo nariz e disse ‘se você se meter em mais encrenca, nós vamos pegar essa ficha e ver que você recebeu uma advertência e nós vamos levar as coisas muito mais a sério’“. (HADDON, p. 18)

Nessa passagem, fica claro para o leitor a irritação do inspetor, que tem essa imagem como parte da sua Enciclopédia; mas para Christopher, ele está apenas descrevendo a ação, sem atribuir nenhum sentido a ela. Cabe ao leitor preencher a lacuna, e assim, saber mais sobre os acontecimentos que o próprio narrador.

Assim, estamos fazendo o papel do leitor-modelo de Eco – um leitor disposto a “jogar o jogo” da obra (ou do autor-modelo da obra). Estamos dispostos a penetrar na mente de um adolescente autista e deixa-lo nos guiar pelo seu mundo, mas sem deixar de lado o nosso conhecimento do nosso mundo, o mundo não-ficcional, como lido por pessoas sem as limitações mentais de Christopher, que sabem interpretar uma ação como a de fechar a boca e soltar ar pelo nariz, atribuindo a ela valores e interpretações das quais Christopher é incapaz.

2.3. Siobhan como recurso narrativo.

No quarto capítulo dos seus *Seis Passeios Pelos Bosques da Ficção*, Eco diz:

“A norma básica para se lidar com uma obra de ficção é a seguinte: o leitor precisa aceitar tacitamente um acordo ficcional (...). O leitor tem de saber que o que está sendo narrado é uma história imaginária, mas nem por isso deve pensar que o escritor está contando mentiras (...) No entanto, como os críticos assinalaram, existem coisas como ficções que se “auto-invalidam” – quer dizer, textos de ficção que demonstram sua própria impossibilidade.” (ECO, 1994, p. 81, 87)

Assim, levando em consideração nossos conhecimentos do “mundo real”, é difícil acreditar que um garoto como Christopher ~~jama~~is seria capaz de escrever um livro como o de Haddon. Assim, o autor precisa ~~teria~~ que criar estratégias para fazer seu leitor acreditar que de alguma forma isso é possível. Para tal, Mark Haddon criou duas ferramentas diferentes em sua narrativa: fazer do garoto um fã das histórias de Sherlock Holmes, e inserir a personagem de Siobhan, que sempre aparece como explicação ou justificativa para Christopher estar escrevendo seu livro, e de uma forma minimamente interessante e inteligível para seu leitor.

A primeira estratégia é comentada pelo próprio autor, em sua entrevista à Powells’:

“Se Christopher fosse real, ele acharia muito difícil, se não impossível, escrever um livro. Se existe uma coisa que ele não consegue fazer, essa coisa é se colocar no lugar de alguém, e o que você tem que fazer quando escreve um livro é se colocar no lugar de alguém. O lugar do leitor. Você tem que entretê-lo, e é impossível que ele poderia ter feito isso. Levou um tempo para resolver essa questão. A solução que eu encontrei foi fazer Christopher ser um fã das histórias de Sherlock Holmes. Assim, ele não tem que se colocar na mente do leitor. Ele simplesmente diz *Eu gosto das histórias de Sherlock Holmes e vou tentar fazer algo parecido com isso.* “

A utilização dessa estratégia fica clara, por exemplo, no capítulo 107:

“... eu gosto de Sherlock Holmes e eu acho que se eu fosse um detetive de verdade, ele é o tipo de detetive que eu seria. Ele é muito inteligente e ele resolve os mistérios e diz

O mundo é cheio de coisas óbvias que ninguém nunca observa,

Mas ele percebe essas coisas, que nem eu. E também, diz no livro

Sherlock Holmes tinha, em um nível impressionante, a capacidade de distanciar sua mente ao seu belprazer.

E eu sou assim, também, porque se eu fico muito interessado em alguma coisa, como praticar matemática, ou ler um livro sobre as missões Apolo ou os grandes tubarões brancos, eu não percebo mais nada e o Pai pode ficar me chamando pra descer e jantar que eu não vou ouvir. E é por isso também que eu sou muito bom em xadrez, porque eu distancio a minha mente ao meu belprazer e me concentro no tabuleiro e depois de um tempo a pessoa que está jogando comigo para de se concentrar e começa a coçar o nariz, ou olhar pra fora da janela, e aí eles erram e eu ganho o jogo.

E também, o Doutor Watts diz sobre Sherlock Holmes

Sua mente... estava ocupada em procurar algum esquema lógico no qual todas aquelas coisas estranhas e aparentemente desconexas poderiam se encaixar.

E é por isso que eu estou tentando fazer, escrevendo esse livro.” (HADDON, p. 73 – 74)

Assim, vemos que Sherlock Holmes é um modelo para Christopher, que se identifica com as habilidades e a determinação do famoso detetive, criação de Sir Arthur Conan Doyle; e também que o gênero de romance de detetive é um modelo narrativo que Christopher compreende. Mais especificamente, em ficção, esse é o único gênero que Christopher compreende e aprecia, como podemos ver no capítulo 7, em que diz

“Na maior parte do tempo, eu leio livros sobre ciência e matemática. Eu não gosto de romances convencionais. Nos romances convencionais, as pessoas dizem coisas como “em minhas veias há ferro, prata e toques de lama comum. Não posso contrair minhas mãos para formar um punho firme o qual podem segurar aqueles que não dependem de estímulo”. O que

isso quer dizer? Eu não sei. Nem o Pai. Nem a Siobhan e o Sr. Jeavons. Eu perguntei para eles. (...) Mas eu gosto de livros de mistério sobre assassinatos. Então estou escrevendo um livro de mistério sobre um assassinato. Num livro de mistério sobre assassinatos, alguém tem que descobrir quem é o assassino e então pegá-lo. É um quebra-cabeças” (HADDON, p. 4 - 5).

Já no primeiro capítulo, vemos uma clara referência a esse gênero de literatura, no tom em que o capítulo inteiro é escrito – um leitor desavisado, a quem não chegou nenhuma informação sobre a obra, começa o livro com a impressão de que o que está lendo realmente é um romance detetivesco:

“Eram 7 minutos depois da meia-noite. O cachorro estava deitado na grama no meio do gramado na frente da casa da Sra. Shears. Seus olhos estavam fechados. O cachorro dava a impressão de que estava correndo de lado, como os cachorros correm quando pensam que estão perseguindo um gato num sonho. Mas o cachorro não estava correndo nem dormindo. O cachorro estava morto. Havia um rastelo espetado no cachorro. As pontas do rastelo deviam ter atravessado até o chão porque o rastelo não havia se inclinado e caído. Eu deduzi que o cachorro havia provavelmente sido morto com o rastelo porque não havia outras feridas visíveis no cachorro e eu não vejo nenhuma outra razão para se espetar um rastelo em um cachorro morto por alguma outra causa, como câncer ou atropelamento. Mas eu ainda não podia ter certeza disso.” (HADDON, p. 1)

Porém, já no capítulo seguinte, vemos a voz do narrador Christopher tomar a forma com que a obra vai ser narrada a partir de então, e somos confrontados com a informação de que ele sabe todos os países do mundo e suas capitais, e todos os números primos até 7.057, e com a descrição e os desenhos das expressões faciais que Siobhan havia feito para ele. Essa mudança de tom nos causa estranhamento, um estranhamento necessário para que o leitor preste atenção nas referências ao gênero de literatura de mistério.

Outra referência a Sherlock Holmes se encontra no capítulo 139, em que Christopher comenta sobre como ele gosta do detetive, mas não de Sir Arthur Conan Doyle, porque Doyle “acredita no sobrenatural” (HADDON, p. 88), mais uma vez elogiando e demonstrando sua admiração e identificação com o tipo de mente analítica e observadora de Holmes. Assim, com essas referências esparsas ao longo da obra, fica clara a utilização da figura de Sherlock Holmes como mote para o livro de Christopher existir.

Porém, defenderemos aqui que a personagem de Siobhan funciona ainda melhor como suporte para a idéia de que um menino autista possa estar escrevendo um livro. Esse papel que ela exerce está representado em várias passagens do livro, comentadas no presente capítulo.

Siobhan é a professora de Christopher na escola especial que o menino frequenta, e também é uma das duas pessoas nas quais Christopher confia (além do seu pai) e perto das quais ele se sente seguro e confortável. Ela nos é apresentada logo no segundo capítulo, quando ficamos sabendo que ela tentou ajudar o garoto a decifrar expressões faciais durante a comunicação com outras pessoas. Ela mesma tem uma comunicação excelente com o menino, como podemos ver no capítulo 59, em que ele explica a sua dificuldade em compreender as expressões usadas pelas outras pessoas, pois elas não são precisas (como quando pedem que ele fique quieto, mas não dizem por quanto tempo), ele diz:

“A Siobhan entende. Quando ela me diz para não fazer alguma coisa, ela me diz exatamente o que é que não é pra eu fazer. E eu gosto disso.

Por exemplo, uma vez ela disse, “Você nunca deve dar socos na Sarah, ou bater nela de qualquer forma, Christopher. Mesmo se ela te bater primeiro. E se ela te bater de novo, saia de perto e conte de 1 até 50, e aí volte e me diga o que ela fez, ou diga para um dos outros funcionários o que ela fez.

Ou, por exemplo, uma vez ela disse. “Se você quiser brincar no balanço e já tiver alguém no balanço, você nunca deve empurrar e derrubar a pessoa. Você deve pedir para eles para brincar um pouco. E aí você tem que esperar até eles terminarem.

Mas quando as outras pessoas te dizem o que você não pode fazer elas não dizem assim. Então eu decido por mim mesmo o que eu vou ou não vou fazer.” (HADDON, p. 29 – 30)

Em um dos primeiros capítulos, capítulo 7, Christopher diz:

“A Siobhan disse que eu devia escrever algo que eu gostaria de ler (...) Ela disse que o livro devia começar com alguma coisa que prendesse a atenção das pessoas. Foi por isso que eu comecei com o cachorro. Eu também comecei com o cachorro porque isso aconteceu comigo e eu acho difícil imaginar coisas que não aconteceram comigo.

A Siobhan leu a primeira página e disse que era diferente. Ela colocou essa palavra entre aspas, fazendo aquele gesto de mexer o primeiro e o segundo dedos..” (HADDON, p. 4 -5)

Assim, nasce o livro que Christopher está escrevendo. No capítulo 47, sabemos que ele é, originalmente, um trabalho para a escola. Quando o menino conta para Siobhan que viu o cachorro morto, vemos a seguinte passagem:

“Quando eu contei isso para a Siobhan ela disse, ‘Bom, hoje nós vamos escrever histórias, então por que você não escreve sobre ter encontrado Wellington e ir até a delegacia?’

E foi aí que eu comecei a escrever isso.

E a Siobhan disse que ia me ajudar com a ortografia, a gramática e as notas de rodapé.”
(HADDON, p. 26)

Nessa conversa, já é possível eliminar uma segunda dúvida: “Se um menino autista está escrevendo um livro, e parte da síndrome é ter dificuldade com linguagem, como ele escreve tão perfeitamente?”. Com a ajuda da Siobhan, que exerce o papel de revisora de texto para o livro de Christopher, função lembrada ao leitor ao chegar no capítulo 109:

“Aquele noite eu escrevi mais um pouco do meu livro, e na manhã seguinte eu levei ele para a escola, para a Siobhan poder ler e me dizer se eu tinha feito algum erro com a ortografia e a gramática.” (HADDON, p. 74)

Siobhan também é a responsável indireta por uma característica muito importante do estilo narrativo de Christopher: as descrições. No capítulo 103, o menino diz:

“A Siobhan disse que quando você escreve um livro você tem que incluir algumas descrições das coisas. Eu disse que ia tirar fotos e colocar elas no livro. Mas ela disse que a idéia de um livro era descrever as coisas usando palavras, para que as pessoas pudessem lê-las e formar uma imagem nas suas próprias cabeças.

E ela disse que era melhor descrever coisas que eram interessantes ou diferentes.

Ela também disse que eu deveria descrever as pessoas na história, mencionando um ou dois detalhes sobre elas para que as pessoas pudessem formar uma imagem dela nas suas cabeças.”
(HADDON, p. 67)

Desse modo, temos descrições como a do capítulo 11, em que Christopher descreve a chegada dos policiais:

“Aí a policia chegou. Eu gosto da policia. Eles têm uniformes e números e você sabe o que é para eles estarem fazendo. Era um homem e uma mulher. A mulher tinha um furinho na meia-calça no tornozelo esquerdo e um arranhão vermelho no meio do furo. O homem tinha uma folha alaranjada e grande presa na sola do sapato que estava saindo de um dos lados.” (HADDON, p. 6)

Outra função que a personagem de Siobhan exerce na obra é a de alertar o leitor para prestar atenção no que Christopher nos conta, para tentar encontrar algum traço de algum sentimento que ele possa estar, mesmo que inconscientemente, escondendo de nós. É possível ver essa função no capítulo 109, no qual Siobhan joga alguma luz nos sentimentos que nós esperaríamos que o menino tivesse naquele momento, como a tristeza por descobrir sobre o relacionamento de sua mãe com o vizinho, Sr. Shears:

“E ela disse, ‘você ficou chateado de descobrir que sua mãe e o Sr. Shears tiveram um caso?’

E eu disse, ‘não.’

E ela disse, ‘Você está falando a verdade, Christopher?’

E então eu disse, ‘Eu sempre falo a verdade.’

E ela disse, ‘Eu sei que sim, Christopher. Mas às vezes nós ficamos tristes por causa de alguma coisa e não gostamos de falar para outras pessoas que estamos tristes por causa dessa coisa. Nós gostamos de manter segredo. Ou às vezes nós estamos tristes mas nem sabemos que estamos tristes. Então a gente diz que não está triste. Mas na verdade, está.’

E eu disse, ‘Eu não estou triste.’” (HADDON, p. 75)

Mesmo que o garoto negue, Siobhan planta no leitor a semente da dúvida: Christopher realmente não está triste, ou simplesmente não faz a mínima idéia de que o que ele está sentindo é tristeza? Essa é outra lacuna que o leitor deve preencher: a partir desse momento, o leitor vai procurar nas entrelinhas do texto de Christopher possíveis sentimentos não percebidos pelo próprio narrador, como o sentimento de culpa, possivelmente presente na passagem em que o garoto lista seus problemas comportamentais, e como eles afetaram o casamento de seus pais.

Assim, vemos que Siobhan é essencial para a existência do livro de Christopher, por ter sido a motivação inicial e responsável pela manutenção da escrita; e também serve como uma ponte possível entre o leitor e a mente de Christopher, impenetrável em seus sentimentos na maioria das vezes. Com a ajuda de Siobhan, começamos a tentar ver mais nos sentimentos de Christopher do que o que ele deixa chegar em nós, enriquecendo assim a leitura da obra.

3. O humor em *The Curious Incident of the Dog in the Night-time*

No início do capítulo 13, Christopher diz:

“Esse não vai ser um livro engraçado. Eu não sei contar piadas porque eu não entendo piadas. (...) E é por isso que não tem nenhuma piada nesse livro.” (HADDON, p. 8)

Porém, há muito humor em *The Curious Incident of the Dog in the Night-time*. No presente capítulo, discutiremos algumas das instâncias que contêm humor na obra, assim como as causas e as fontes desse humor. Uma dessas fontes são as descrições, já mencionadas no capítulo anterior.

Um exemplo de uma descrição que resulta em humor se encontra no capítulo 67, em que o menino resolve investigar o assassinato de Wellington, interrogando as pessoas da vizinhança,:

“(...) Eu saí e bati na porta do número 40, que é do outro lado da rua da casa da Sra. Shears, o que significa que de todos os vizinhos, eles tinham mais chance de ter visto alguma coisa. As pessoas que moram no número 40 se chamam Thompson.

O Sr. Thompson atendeu a porta. Ele estava usando uma camiseta que dizia:

CERVEJA

Ajudando gente feia

a fazer sexo por 2000 anos.

(...) Aí eu fui para o número 43, que é a casa do lado da casa da Sra. Shears.

As pessoas que moram no número 43 são o Sr. Wise e a mãe dele, que está numa cadeira de rodas, e é por isso que ele mora com ela, para ele poder levar ela às compras e para dar voltas de carro.

Foi o Sr. Wise que atendeu a porta. Ele estava com um cheiro de corpo e biscoitos velhos e pipoca passada, que é o cheiro que você tem se você fica muito tempo sem tomar banho, como o Jason lá da escola porque a família dele é pobre.” (HADDON, 37 – 38)

Christopher não sabe que essas descrições são engraçadas. Para ele, ele está somente relatando fatos. Para nós, leitores, ele está mostrando aspectos da nossa própria cultura, mas com distanciamento suficiente para nos fazer perceber o quanto certas situações são, apesar de familiares ou corriqueiras, dignas de riso. A camiseta com os dizeres sobre a cerveja, por exemplo, é uma representação de um tipo de cultura que geralmente nos causa riso. Coisa um pouco diferente acontece com o cheiro do Sr. Wise: fluidos corporais são um tabu em nossa sociedade, e a graça reside no fato de Christopher falar disso com tanta naturalidade, sem dividir conosco a trava de origem absolutamente moral e cultural que nos impede de falar sobre estes assuntos.

Christopher ignora completamente essa trava moral e cultural ao falar das crianças que estudam com ele na escola especial, e de suas famílias:

“Todas as outras crianças na minha escola são burras. Mas não é pra eu chamar elas de burras, mesmo que elas sejam exatamente isso. É pra eu dizer que elas têm dificuldades de aprendizado ou que elas têm necessidades especiais.” (HADDON, p. 43)

“... alguns cachorros são mais inteligentes e interessantes do que algumas pessoas. O Steve, por exemplo, que vai pra escola nas quintas-feiras, precisa de ajuda para comer e não conseguiria nem correr e buscar um graveto. A Siobhan me pediu para não dizer isso para a mãe do Steve.” (HADDON, p. 6)

“O Terry, que é o irmão mais velho do Francis, lá da escola, disse que eu só ia arranjar emprego como carregador no supermercado ou limpando merda de mula num santuário animal e que eles não deixavam retardados pilotar foguetes que custam bilhões de libras. (...) e mesmo que eu provavelmente não seja astronauta, eu vou para a universidade estudar matemática, ou física, ou física e matemática, porque eu gosto de matemática e física e sou muito bom nisso. Mas o Terry não vai para a universidade. O Pai disse que é mais provável que o Terry acabe na cadeia.

O Terry tem uma tatuagem no braço de um coração com uma faca no meio.” (HADDON, p. 25 -26)

Essa falta de “decoro”, a reprodução da fala inocente, sem as travas morais, tampouco as do politicamente correto são o que tornam essas passagens tão engraçadas. O mesmo acontece quando Christopher descreve um homem, branco, que vê na estação de trem:

“E ele tinha dreadlocks, que é o que algumas pessoas negras têm, mas ele era branco, e dreadlocks é quando você nunca lava o cabelo e ele fica parecendo um pedaço de corda velha.” (HADDON, 153)

O humor aparece também mesmo quando ele fala de um assunto tão tabu quanto a morte, principalmente a morte de um ente querido, como uma figura materna. Falando da sua mãe, a qual ele acredita estar morta, Christopher diz:

“E às vezes, quando alguém está morto, como a Mãe, as pessoas dizem, ‘O que você gostaria de dizer para a sua mãe se ela estivesse aqui agora?’ ou ‘O que a sua Mãe acharia sobre isso?’, o que é burro porque a Mãe está morta e você não pode dizer nada para gente que está morta e gente morta não pensa.” (HADDON, p. 79)

Porém, a maior fonte de humor em *The Curious Incident of the dog in the night-time* é a vida, a lógica, a cultura e a sociedade contemporâneas em que vive o próprio leitor. Christopher, ao relatar com distanciamento atitudes, valores e comportamentos que para nós são corriqueiros e banais, evidencia muitos aspectos da nossa vida os quais, vistos com distanciamento que Christopher como narrador nos proporciona, se afiguram quase absurdos. Um bom exemplo é a passagem onde ele explica o seu (aparentemente) ilógico método de estabelecer que tipo de dia ele vai ter:

“No ônibus indo para a escola na manhã seguinte nós passamos por 4 carros vermelhos em seguida, o que significava que seria um **Dia Bom**, então eu resolvi não ficar triste por causa do Wellington.

O Sr. Jeavons, o psicólogo da escola, uma vez me perguntou por que 4 carros vermelhos em seguida faziam um **Dia Bom**, e 3 carros vermelhos em seguida faziam um **Dia Meio Bom**, e 5 carros vermelhos em seguida faziam um **Dia Super Bom**, e por que 4 carros amarelos em seguida faziam um **Dia Negro**, que é um dia em que eu não falo com ninguém e fico sentado sozinho lendo livros e não almoço e não *Corro Riscos*. Ele disse que eu era obviamente uma pessoa muito lógica, então ele ficou surpreso que eu pensasse assim porque não era muito lógico pensar assim.

Eu disse que eu gostava que as coisas estivessem numa ordem agradável. E um dos jeitos das coisas ficarem numa ordem agradável era ser lógico. Principalmente se essas coisas fossem números ou argumentos. Mas existem outros jeitos de colocar as coisas numa ordem

agradável. E era por isso que eu tinha **Dias Bons** ou **Dias Negros**. E eu disse que algumas pessoas que trabalham em escritório saem de casa de manhã e vêem que o sol está brilhando e ficam felizes, ou eles vêem que está chovendo e ficam tristes, mas a única diferença era o clima e se elas trabalham em um escritório o clima não tem nada a ver com se eles têm um dia bom ou ruim.

Eu disse que quando o Pai acorda de manhã ele sempre veste a calça antes das meias e que não era lógico mas ele sempre faz assim, porque ele gosta das coisas numa ordem agradável também. E também sempre que ele sobe a escada ele sobe dois degraus de uma vez, sempre começando com o pé direito.

O Sr. Jeavons disse que eu era um menino muito inteligente.” (HADDON, 24)

Essa passagem nos faz reavaliar a idéia de normalidade, porque nos mostra quão ilógicas são nossas pequenas ações cotidianas, por mais que tentemos nos convencer do contrário. A mesma coisa acontece com o ódio que Christopher sente pelas cores amarelo e marrom, que ele justifica com uma lista de coisas dessa cor que são desagradáveis. Nós somos levados a pensar em coisas pelas quais nós sentimos grande antipatia, e nem ao menos temos um por quê para agir assim. Nessa passagem, Christopher diz:

“... na vida você tem que tomar muitas decisões e se você não toma decisões você nunca faz nada porque você passa todo o tempo escolhendo dentre coisas que você poderia fazer. Então é bom ter uma razão por que você odeia algumas coisas e gosta de outras.” (HADDON p. 85)

Aqui, vemos a necessidade que uma pessoa como Christopher tem de simplificar o mundo à sua volta. Muitas dessas escolhas aparentemente aleatórias são essenciais para o garoto conseguir lidar com o mundo e todas as dificuldades que ele lhe apresenta. Com essa passagem, entendemos melhor o sistema que Christopher estabelece para ler o mundo, e aprendemos um pouco sobre como é ver o mundo pelos seus olhos. Christopher opera dentro de uma lógica e um raciocínio em muitos aspectos completamente diferente do nosso; o que, no entanto, tem o efeito de nos fazer reavaliar a nossa própria lógica e pensamento.. No começo da leitura, ainda estamos nos acostumando com esse novo jeito de ver o mundo, mas à medida em que avançamos na leitura, começamos a nos familiarizar com que tipo de lógica Christopher opera, e assim podemos, de certa forma, prever ou ao menos compreender suas reações a certas situações, e entender porque algumas situações que para a maioria das pessoas aparecem como normais e fáceis de lidar, são para ele absurdas.

Talvez o verdadeiro sentido do humor de *The Curious Incident of the Dog in the Night-time* esteja não em rir de Christopher, mas rir de nós mesmos: de nossa lógica que nos parece “natural”, de nossa forma de agir e pensar que nos parece absolutamente “racional”. Por exemplo, ainda em sua investigação pela vizinhança, Christopher chega até a casa de Sra. Alexander, e depois de indagá-la sobre Wellington, os dois têm a seguinte conversa:

“E ela disse, ‘Você é Christopher, não?’

Eu disse, ‘Sou. Eu moro no número 36.’

E ela disse, ‘Nós nunca conversamos antes, certo?’

Eu disse, ‘Não. Eu não gosto de falar com estranhos. Mas eu estou investigando.’

E ela disse, ‘Eu vejo você todos os dias, indo para a escola.’

Eu não falei nada.

E ela disse, ‘É muito legal da sua parte vir aqui e dizer oi.’

Eu não disse nada de novo porque a Sra. Alexander estava fazendo o que se chama de bater papo, onde as pessoas dizem coisas umas para as outras que não são perguntas e respostas e não têm conexão nenhuma.

Aí ela disse, ‘Mesmo se for só porque você está investigando.’

E eu disse ‘Obrigado’ de novo.

E eu estava quase virando para ir embora quando ela disse, ‘eu tenho um neto da sua idade.’

Eu tentei bater papo dizendo, ‘a minha idade é 15 anos e 3 meses e 3 dias.’

E ela disse, ‘Bom, quase da sua idade.’” (HADDON, p. 39 – 40)

Podemos ver o esforço de Christopher para manter essa conversa, e podemos ver que ele não tem muito sucesso na sua empreitada; e é aí que surge a graça. A ação de “bater papo” realmente é desconexa e banal, mas ainda esperamos que ela faça sentido e siga sem maiores atritos – por isso escolhemos assuntos mundanos como o tempo para esse tipo de conversa – e quando Christopher

responde com sua idade exata, percebemos que, nessa passagem, a Sra. Alexander ainda não está realmente interessada no que o garoto tem a dizer, e sim em manter o papo, como nós mesmos faríamos. É só com o desenvolvimento da obra que percebemos o quão importante é essa aproximação, e como ela consegue ganhar se não a confiança, pelo menos a atenção do garoto. Christopher mais tarde descobre, por meio da Sra. Alexander, sobre o relacionamento extraconjugal de sua mãe com o Sr. Shears.

Um outro exemplo de humor na obra que surge das nossas expectativas em relação a uma situação absolutamente corriqueira é o capítulo 191, quando Christopher tenta comprar uma passagem de trem até Londres:

“E o homem disse, ‘Single or return?’³

E eu disse, ‘O que quer dizer *single or return*?’

E ele disse, ‘Você quer ir, ou quer ir e voltar?’

E eu disse, ‘Eu quero ficar lá quando eu chegar.’

E ele disse ‘Por quanto tempo?’

E eu disse ‘Até eu ir para a universidade.’;

E ele disse ‘Single, então.’” (HADDON, p.153)

A situação de compra de um bilhete de trem, bastante corriqueira para a grande maioria das pessoas que moram na Inglaterra, torna-se um terrível obstáculo para um menino que nunca saiu dos limites de sua rua e de seu bairro, que não fala com estranhos, e que não domina a linguagem do mesmo modo que a maioria das pessoas. Como acompanhamos a trajetória do menino até aqui, sabemos que ele nunca esteve em uma situação semelhante, e que nunca teve contato com as expressões “single” e “return”, e podemos imaginar a confusão mental do garoto, assim como a reação do atendente. Também é interessante notar aqui que o humor se manifesta, aqui, em uma passagem verdadeiramente dramática: o começo da saga do garoto até Londres, em busca de sua mãe. O

³ “Somente ida ou ida e volta?” Preferi aqui manter o original em inglês, pois a tradução para o português evidencia o significado da expressão, enquanto em inglês ela quer dizer, literalmente, “avulso ou retorno”, que não são palavras que se contrapõem necessariamente.

atendente no guichê é apenas o primeiro de muitos obstáculos, impostos a Christopher por sua condição, que ele vai enfrentar até alcançar seu objetivo.

O humor presente em *The Curious Incident of the Dog in the Night-time* está na abertura de novas possibilidades, no mergulho no olhar do personagem, na oportunidade de nos surpreendermos com uma lógica tão diferente da nossa própria. Está em perceber que tudo pode ser engraçado, se você olhar do jeito certo – o que nos remete à citação de Sherlock Holmes que Christopher tanto gosta: *O mundo é cheio de coisas óbvias que ninguém nunca observa*. Após ler a história de Christopher, poderíamos dizer o mesmo, com a substituição de uma palavra: *O mundo é cheio de coisas engraçadas que ninguém nunca observa*.

4. Considerações finais

Nesse trabalho de monografia, discutimos a figura do narrador em *The Curious Incident of the Dog in the Night-time*, porque essa questão nos pareceu o elemento mais importante da obra de Mark Haddon. Um adolescente autista como narrador em primeira pessoa levanta questões bastante interessantes sobre a narração, suas possibilidades e suas limitações.

O fato de o narrador ser portador de uma síndrome de comportamento autista é crucial para a construção da obra, na medida em que estabelece uma limitação real para o ponto de vista desse narrador. Essa limitação provém da impossibilidade de Christopher de enxergar o mundo da mesma forma que seu leitor, que por sua vez vê mais no relato do garoto do que ele próprio, no sentido de conseguir preencher as lacunas deixadas pela narração com seu conhecimento de mundo, de natureza diferente do de Christopher.

Assim, concluímos que Christopher ocupa uma posição intermediária entre dois tipos de narrador na tipologia de Norman Friedman: O narrador protagonista e o narrador “eu” como testemunha, por se encaixar apenas parcialmente nas duas categorias, mantendo pontos de conflito com ambas as classificações. Na definição do narrador protagonista, Christopher se encaixa por narrar de um centro fixo, tendo seu acesso negado à mente dos demais personagens. Esse não-acesso se dá por dois motivos diferentes: o fato de ele ser o narrador em primeira pessoa, e também pela sua limitação mental. Porém, a definição não dá conta de Christopher por descrever o narrador protagonista como tendo acesso aos seus próprios sentimentos, o que não acontece com o garoto, mais uma vez por causa de sua síndrome.

Já a categoria “eu” como testemunha corresponde ao narrador de *The Curious Incident of the Dog in the Night-time* por ter um ângulo de visão mais limitado, por não saber o que se passa na mente dos outros personagens; o que daria conta da sua limitação devida ao autismo. No entanto, por definição esse é um narrador que ocupa a periferia dos acontecimentos: ele é necessariamente uma personagem secundária à ação, e é nesse ponto que reside a dificuldade em colocar Christopher nessa categoria de narrador, pois ele é na verdade o personagem principal da trama, posicionado no centro dela, e não na periferia, sem participar da ação.

Discutimos também a necessidade de que exista uma personagem como Siobhan em *The Curious Incident of the Dog in the Night-time*, pois se Christopher existisse na vida real, ele provavelmente seria incapaz de escrever um livro. Assim, para justificar a existência desse livro, e validar a ficção

como tal, surge a personagem de Siobhan, que não apenas foi o motivo inicial que levou Christopher a começar seu livro, também cuidou da revisão desse texto, para que ele chegasse até o leitor de forma inteligível. Siobhan muitas vezes também serve como ponte entre o leitor e a mente geralmente indecifrável de Christopher, devido à comunicação eficiente que ela estabeleceu com o garoto, deixando-o confortável e conquistando, em algum nível, sua confiança. Pelos diálogos entre o garoto e sua professora, temos um mínimo acesso ao que se poderia chamar de emoções do menino.

Outra consequência da escolha desse narrador discutida por nós é a presença de humor na obra, por mais que ele passe despercebido do próprio narrador. Essa não-percepção de Christopher é, inclusive, fator essencial para o humor que chega até o leitor. Muito desse humor está nas descrições que Christopher faz das pessoas e do ambiente à sua volta; descrições essas totalmente desprovidas de travas morais, e que causam humor na leitura por um certo tipo de choque que o leitor sente ao se deparar com as situações relatadas por ele.

Grande parte do humor presente na obra deve-se à abertura da possibilidade do leitor ver a si próprio e suas ações na obra, com um certo distanciamento proporcionado pelo olhar de uma mente autista, e repensar aspectos de sua vida, que lhe parecem perfeitamente normais e naturais, por um ângulo que ele nunca havia considerado. É o humor não-cruel, em que não se está rindo de Christopher, e sim com Christopher, de nós mesmos.

Referências Bibliográficas

ECO, Umberto. **A Obra Aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1962.

_____. **Seis Passeios Pelos Bosques da Ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HADDON, Mark. **The Curious Incident of the Dog in the Night-time**. New York: Vintage, 2003.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O Foco Narrativo**. São Paulo: Ática, 2002.

SACKS, Oliver. **An Anthropologist on Mars**. New York: Vintage, 1995.

WEICH, Dave. Exclusive to Powell's Author Interviews. **The Curiously Irresistible Literary Debut of Mark Haddon**. Disponível em <http://www.powells.com/authors/haddon.html> Acesso em: 22 set 2006.

Anexos

Bibliografia do autor

- Gilbert's Gobstopper* Hamish Hamilton, 1987
- Toni and the Tomato Soup* Hamish Hamilton Children's, 1988
- A Narrow Escape for Princess Sharon* Hamish Hamilton Children's, 1989
- Agent Z Meets the Masked Crusader* Bodley Head, 1993
- Titch Johnson, Almost World Champion* (com ilustrações de Martin Brown) Walker, 1993
- Agent Z Goes Wild* Red Fox, 1994
- At Home* (Série Baby Dinosaurs) Doubleday, 1994
- At Playgroup* (Série Baby Dinosaurs) Doubleday, 1994
- In the Garden* (Série Baby Dinosaurs) Doubleday, 1994
- On Holiday* (Série Baby Dinosaurs) Doubleday, 1994
- The Real Porky Phillips* A & C Black, 1994
- Agent Z and the Penguin from Mars* Red Fox, 1995
- The Sea of Tranquility* (illustrated by Christian Birmingham) Collins Children's, 1996
- Secret Agent Handbook* (illustrated by Sue Heap) Walker, 1999
- Agent Z and the Killer Bananas* Red Fox, 2001
- Ocean Star Express* (illustrated by Peter Sutton) Collins, 2001
- The Ice Bear's Cave* Collins, 2002
- The Curious Incident of the Dog in the Night-time* (Edição infantil) David Fickling, 2003
- The Curious Incident of the Dog in the Night-time* (Edição para adultos) Cape, 2003
- The Talking Horse and the Sad Girl and the Village Under the Sea* Picador, 2005
- A Spot of Bother* Doubleday, 2006

Prêmios recebidos pelo autor

- 1998 **Royal Television Society Award** (Melhor Drama Infantil) *Microsoap*
- 1999 **BAFTA** (Melhor Drama) *Microsoap*
- 1999 **BAFTA** *Microsoap and The Wild House*
- 2003 **Booktrust Teenage Prize** *The Curious Incident of the Dog in the Night-Time*
- 2003 **British Book Awards Author of the Year** (finalista) *The Curious Incident of the Dog in the Night-Time*
- 2003 **British Book Awards Book of the Year** (finalista) *The Curious Incident of the Dog in the Night-Time*
- 2003 **British Book Awards Children's Book of the Year** *The Curious Incident of the Dog in the Night-Time*
- 2003 **British Book Awards Literary Fiction Award** *The Curious Incident of the Dog in the Night-Time*
- 2003 **Carnegie Medal** (shortlist) *The Curious Incident of the Dog in the Night-Time*
- 2003 **Guardian Children's Fiction Prize** *The Curious Incident of the Dog in the Night-Time*
- 2003 **Whitbread Book of the Year** *The Curious Incident of the Dog in the Night-Time*
- 2003 **Whitbread Novel Award** *The Curious Incident of the Dog in the Night-Time*
- 2004 **South Bank Show Annual Award for Literature** *The Curious Incident of the Dog in the Night-Time*
- 2004 **WH Smith Award for Fiction** (finalista) *The Curious Incident of the Dog in the Night-Time*
- 2005 **British Book Awards Book of the Year** (finalista) *The Curious Incident of the Dog in the Night-Time*